



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 36-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa • Telefone 5338 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE

Tem-se dito repetidas vezes ao povo que é o mais forte porque constitui o número; mas isto é um erro. Um pequeno número de pessoas pode conduzir por um pastor e alguns cães adestrados, porque as unidades que compõem o número são inconscientes. Enquanto os trabalhadores se deixarem agrupar sem compreender o seu valor individual, em procurar fixar a utilidade dos seus gestos, permanecerão um rebanho e, como tal, serão tratados. Fala-se também, frequentemente, aos proletários, de solidariedade como um factor importante na luta social; a solidariedade, porém, parece-se um pouco com a história das línguas, de Esposo; segundo a maneira que dela se faz uso, pode ser melhor ou o pior dos agentes. Mal compreendida e, subsequentemente, mal aplicada, ela não tem produzido, até hoje, senão insignificantes resultados. A solidariedade, tal como é praticada pela classe operária na luta contra a opressão capitalista, produz muitas vezes efeitos contrários àqueles que esperavam. Para ser verdadeira e eficaz a solidariedade não pode separar-se da responsabilidade que incombe a cada membro da família operária. Esta produtividade e também nas relações com os seus camaradas. Pode chamar-se solidariedade o auxílio pecuniário que os operários de outras corporações prestam aos seus camaradas em greve, inclusive declarando, sem se preocuparem se a produção desses camaradas é nociva, e constitui um obstáculo à emancipação do conjunto dos trabalhadores? Não, neste momento, de apreciar o aumento das greves, de apreciar o aumento em que, tantas vezes, desgraçados, os exploradores aconselham os trabalhadores a elevar o preço dos produtos com o fim de evitarem a estes o texto da recusa ao aumento reclamado. Sobre esta atitude dos proletários, há até ao absurdo, há muito que dizer, mas isso deve ser discutido especialmente. O ponto sobre que desejamos chamar a atenção das camaradas, para cada um no seu meio ponha a questão, é a utilidade, a responsabilidade

Prisões arbitrárias

Continuam ainda presos bastantes camaradas nossos, em virtude de andarem em liberdade, porque não se justificam os motivos que originaram a sua detenção.

Sobre a prisão do camarada João Major, disse-se que este fizera «revelações importantes acerca da existência de comités secretos em todos os pontos do país».

Como se sabe, o camarada Major esteve incomunicável 14 dias e foi durante esse tempo que essas atoardas passadas da polícia para alguns jornais.

Numa carta que aquele camarada nos enviou, indigna-se contra as acusações que lhe atribuem, porque falsas, sendo uma pura invenção da polícia ou da imprensa, pois que combatesse a luz do dia a tirania burguesa, propagando o sublime ideal de andarem empenhados aqueles que têm desejos de emancipação.

Atoada desliza-se, pois, como se em desfeito todas as que a polícia ou a imprensa inventam com o fim de praticar creaturas que cometem o crime de ser sinceros.

Assim, apesar de nada se comprovar nos presos, eles continuam nas prisões e as mentiras correm mundo.

Uma situação assim não pode prevalecer, porque as camaradas delitidas temem que não devam estar sujeitas a serem para a polícia mostradas feitas que garantiram o ordenado se lembra de guardar.

A questão social em Espanha

Barcelona a situação é grave. BARCELONA, 2. — Continuam todas as greves ultimamente declaradas nesta cidade, sendo a situação social gravíssima. — Rádio.

Greves que terminam e greves que prosseguem. MADRID, 2. — Em Gijón, os metalúrgicos retomaram o trabalho nas bases defendidas pelos patrões. A greve continua a greve do pessoal das legas. — Rádio.

Barcos que arribam. MADRID, 2. — O temporal continúa sobriamente nesta costa, arribando vários barcos a este porto, incluindo um, que daqui havia partido para o sul. — Rádio.

Coisas da Rússia

Macno põe-se ao lado dos bolchevistas contra Wrangel

Macno, o já célebre anarquista da Ucrânia, que jamais se dobrou à autoridade de Petrogrado ou de Moscova, e que por causa disso foi acusado de aliado de Wrangel, acaba de oferecer os seus serviços ao governo bolchevista contra este último general, o emissário contra-revolucionário na Rússia dos governos da Europa Ocidental. Isto não significa que Macno tenha abdicado dos seus princípios, convertendo-se ao credo bolchevista, mas pelo contrário indica até uma coerência com as suas ideias. As divergências que existem entre Macno e os bolchevistas, quer dizer, entre anarquistas comunistas e comunistas autoritários, é simplesmente de métodos e táticas e não de finalidade, pois que uns e outros, embora por caminhos diversos, aspiram unicamente à instauração duma sociedade comunista. Ora não é contra os métodos empregados pelos revolucionários da Rússia para pôrem em prática as suas ideias socialistas, que lutam os bandidos às ordens de Wrangel, mas única e simplesmente contra a realização desses mesmos ideais, não fazendo, está claro, distinção alguma entre os que se pretendem impôr por processos autoritários e coercitivos ou pelo livre entendimento.

De forma que a atitude agora tomada pelo «general» Macno, isto é, a sua aliança com Lénine e Trotski, durará simplesmente o tempo necessário para pôr em debandada o inimigo comum, e logo que o espantado da contra-revolução tenha novamente desaparecido, ele voltará ao seu refúgio da Rússia meridional, onde tem encontrado abrigo todos os anarquistas perseguidos pela autoridade bolchevista, e tem achado um terreno propício aos conceitos federalistas que inspiram o comunismo libertário.

Os soldados que compõem o «exercito» de Macno não são mercenários, mas rudes camponeses alistados livremente, e dispostos a tudo sacrificarem pela independência do seu território e pela defesa da sua experiência prática de comunismo federal. Já por várias vezes tem mostrado estas tropas o seu valor, abandonando os trabalhos de campo para pegarem em armas e repelirem os que se atrevem a invadir-lhes o país. Combateram já contra os cosacos de Kaledine e Korniloff, contra os alemães, contra Denikine, contra o governo ditatorial ucraniano e até contra o governo bolchevista, quando este pretendia impôr a sua hegemonia centralizadora e despótica sobre a pequena república. Este, depois de ver que seria difícil conseguir dominá-la, acabou por declarar que lhes reconhecia a boa-fé revolucionária, autorizando Macno a defender a «seu modo» contra os reacçãoários dos territórios ocupados pelos seus sequeiros.

Apesar destas palavras, Moscova tem, porém, sempre visto com muito mau olhos toda a acção desenvolvida por Macno, e assim é que por ocasião da invasão de Denikine, deixou que o seu exercito fosse completamente por este general aniquilado, não lhe ajudando em tempo oportuno, como podia ter feito.

Segundo informes dum dos membros organizadores, o Sindicato Único da Indústria Têxtil será baseado numa estrutura verdadeiramente sindical, e nele terão ingresso todos os componentes da classe têxtil, de ambos os sexos e de todas as categorias.

Não se confundir com a célebre Associação dos Empregados das Indústrias Têxteis do Norte de Portugal, mais conhecida pela Associação do Manuel Gomes da Silva & C.ª, por ela só representará o sentir dos empregados-mestres da fábrica Companhia Fiação e Tecidos do Porto. A maioria parte dos sócios da referida associação, abandonou-a desde Fevereiro, por não querer colaborar nos trusts dos industriais e nos processos de empalmo da célebre socialista Manuel Gomes da Silva. A tal associação está actualmente reduzida a um pau, uma bandeira e um carrinho, que já em tempos o jornal A Comunidade teve ocasião de esclarecer, para conhecimento do operariado.

Que o Sindicato Único da Indústria Têxtil seja brevemente inaugurado, são os nossos desejos.

Os fabricantes de calçado organizam-se. A direcção do Sindicato dos Operários Manufatureiros de Calçado tem trabalhado afanosamente para organizar a respectiva classe, não se poupando a sacrifícios. Já concluiu os seus trabalhos referentes à instalação do Conselho Geral representativo das comissões de todas as freguesias da cidade.

Estas comissões criadas, tem por função especial de organizarem estatísticas de produção, consumo e preço das matérias primas, sua qualidade e procedência, quantos operários se empregam, quantas oficinas e fábricas existem, etc., etc., o que facilitará à classe, no futuro, poder melhor basear as suas reclamações de carácter profissional, moral e material, esclarecendo o público de possíveis tristes e trusts dos industriais. Apesar da grande crise que actualmente asserbera a classe, os manufatureiros de calçado vão sentindo um certo entusiasmo pelos trabalhos da organização levados ultimamente a efeito. Aproveitando esse entusiasmo, igualmente se está cuidando da organização do Sindicato Único da Indústria de Calçado, Couros e Peles, tendo já reunido a comissão composta de manufatureiros de calçado, tamanqueiros curtidores e serradores. Brevemente vão ser discutidas as bases em que deve assentar o novo Sindicato Único.

Para a intensificação da propaganda

AMANHÃ: Artigo de Hamon

Os comunistas russos. Exortam os operários de todo o mundo a unir as forças revolucionárias. BERLIM, 2. — Comentando o protesto da comissão militar francesa em Berlim contra a existência das «Associações de Defesa Própria» (Uma espécie da União Cívica), a imprensa da direita alemã chama a atenção sobre um apelo publicado sábado, pelo órgão comunista *Rote Fahne*, e assinado pelo elemento operário de todo o mundo a unir as forças revolucionárias de um modo internacional para a próxima guerra civil. Pede, em vista disto, que o desarmamento do elemento civil alemão não prive a classe média de toda a defesa contra o terror comunista. — Rádio.

A BATALHA vende-se no tabacaria do sr. António Gomes da Silva, Rua Freire.

Notas e Comentários

Da Rússia

Wells, o socialista inglês tornado célebre pelas suas novelas fantásticas, visitou a Rússia demoradamente, colheu informações minuciosas sobre o funcionamento da República dos Sovietes. Há dias regressou a Londres, e das impressões trazidas da viagem dará nota a um jornal de Madrid. Interrogado, porém, logo à chegada, sobre a segurança do regime bolchevista, Wells respondeu: «Estive em Moscova e em Petrogrado mas não vi lá sinal nenhum dos movimentos contra-revolucionários a que alguns jornais aludem. É fantasia tudo o que se disser sobre a derrota do regime soviético. É certo que o povo russo passa fome; mas não pensa em revoltar-se. Percorri o país com toda a liberdade, sem guia nem companhia, e assim pude ver as coisas com os meus próprios olhos.» Wells entreteve Lénine e Trotski, e pronunciou um discurso numa sessão promovida pelo soviete de Petrogrado.

Mentira desmentida. Num pormenor se parecem, uns com os outros, os jornais burgueses de todo o mundo: é na falta de respeito pela verdade, quando a propagação de mentiras lhes interessa. Pois anunciaram alguns jornais franceses que entre Trotski e o capitão Sadoul se tinha havido tesas. Primeiro, uma irritada discussão entre ambos. Em consequência disto, Trotski teria ordenado uma busca em casa de Sadoul. O capitão, para mais, tem susseito se teria tornado aos olhos do terrível bolchevista que a ordem de prisão não poderia tardar.

Até do crime de traição, nem mais menos, o teriam acusado. Vaisse a averiguar a coisa e que se apure! Mentira, tudo mentira. Uma patranha pura e simples. Oxalá a não vejamos

A BATALHA

no Porto

Sindicato Único da Indústria Têxtil do Porto. PORTO, 28. — Trabalha-se activamente na fundação dum sindicato único das classes têxteis do Porto.

Sendo a indústria têxtil uma das mais ricas do país, que, principalmente durante e depois da guerra, enriqueceu uma caterva de industriais fadidos ou quasi fadidos, não se compreende que a classe produtora a ela pertencente viva na mais degradante das misérias, arrastando com um sem número de explorações infamantes. Mas se assim acontece, deve-se o facto à sua própria desunião, à falta de uma forte sindicalização dos seus componentes. Reunindo num sindicato único todas as especialidades da classe têxtil, congregando, numa só, todas as forças dispersas, ela poderá melhor conquistar os seus direitos e não será tão vilmente condenada a morrer de fome e entuberculada como até aqui. Oporá à coligação dos industriais, que por processos baixos procuram ainda mais escravizá-la, a sua solidariedade bem compreendida.

Segundo informes dum dos membros organizadores, o Sindicato Único da Indústria Têxtil será baseado numa estrutura verdadeiramente sindical, e nele terão ingresso todos os componentes da classe têxtil, de ambos os sexos e de todas as categorias.

Não se confundir com a célebre Associação dos Empregados das Indústrias Têxteis do Norte de Portugal, mais conhecida pela Associação do Manuel Gomes da Silva & C.ª, por ela só representará o sentir dos empregados-mestres da fábrica Companhia Fiação e Tecidos do Porto. A maioria parte dos sócios da referida associação, abandonou-a desde Fevereiro, por não querer colaborar nos trusts dos industriais e nos processos de empalmo da célebre socialista Manuel Gomes da Silva. A tal associação está actualmente reduzida a um pau, uma bandeira e um carrinho, que já em tempos o jornal A Comunidade teve ocasião de esclarecer, para conhecimento do operariado.

Que o Sindicato Único da Indústria Têxtil seja brevemente inaugurado, são os nossos desejos.

Os fabricantes de calçado organizam-se. A direcção do Sindicato dos Operários Manufatureiros de Calçado tem trabalhado afanosamente para organizar a respectiva classe, não se poupando a sacrifícios. Já concluiu os seus trabalhos referentes à instalação do Conselho Geral representativo das comissões de todas as freguesias da cidade.

Estas comissões criadas, tem por função especial de organizarem estatísticas de produção, consumo e preço das matérias primas, sua qualidade e procedência, quantos operários se empregam, quantas oficinas e fábricas existem, etc., etc., o que facilitará à classe, no futuro, poder melhor basear as suas reclamações de carácter profissional, moral e material, esclarecendo o público de possíveis tristes e trusts dos industriais. Apesar da grande crise que actualmente asserbera a classe, os manufatureiros de calçado vão sentindo um certo entusiasmo pelos trabalhos da organização levados ultimamente a efeito. Aproveitando esse entusiasmo, igualmente se está cuidando da organização do Sindicato Único da Indústria de Calçado, Couros e Peles, tendo já reunido a comissão composta de manufatureiros de calçado, tamanqueiros curtidores e serradores. Brevemente vão ser discutidas as bases em que deve assentar o novo Sindicato Único.

Para a intensificação da propaganda

AMANHÃ: Artigo de Hamon

Os comunistas russos. Exortam os operários de todo o mundo a unir as forças revolucionárias. BERLIM, 2. — Comentando o protesto da comissão militar francesa em Berlim contra a existência das «Associações de Defesa Própria» (Uma espécie da União Cívica), a imprensa da direita alemã chama a atenção sobre um apelo publicado sábado, pelo órgão comunista *Rote Fahne*, e assinado pelo elemento operário de todo o mundo a unir as forças revolucionárias de um modo internacional para a próxima guerra civil. Pede, em vista disto, que o desarmamento do elemento civil alemão não prive a classe média de toda a defesa contra o terror comunista. — Rádio.

A BATALHA vende-se no tabacaria do sr. António Gomes da Silva, Rua Freire.

Os progressos da aviação

A aviação marcha, e não tardará muito que ela possa considerar-se um novo meio de locomoção, passando dos domínios da experiência às úteis aplicações da prática. O aviador Jean Casale subiu há dias do aeródromo de Buc, num super-avião de quatro motores, e elevou-se à altura de 1.500 metros. O aparelho pesa aproximadamente 8.000 quilos, incluídos 3.500 quilos de carga aproveitável. A duração do voo foi de cinquenta e cinco minutos.

Pela Revolução Russa

No dia 28 de Outubro reuniram-se conjuntamente as duas comissões administrativas, do Partido Socialista e da C. G. T. francesa, com representação da Liga dos Direitos do Homem. Depois duma rápida troca de impressões sobre a urgência duma acção comum imediata no sentido de pôr cõbo às agressões organizadas contra a Rússia Vermelha e de estabelecer a paz definitiva entre os povos, decidiu-se:

- 1.º O estabelecimento dum acordo entre o Partido Socialista francês, a Liga dos Direitos do Homem, e a C. G. T. francesa;
- 2.º A organização em Paris e através da França duma campanha por meio de comícios a efectuar entre 12 e 30 de Novembro;
- 3.º O envio dum apelo à opinião pública convidando-a a protestar contra a criminosidade política mantida em relação à revolução russa;
- 4.º A extensão deste apelo à solidariedade dos trabalhadores incitando-os a não mais fabricar nem transportar munições e engenhos de guerra.

pró-sindicato único, o delegado dos metalúrgicos, Mendes Gomes, realizou uma conferência, que foi concorridíssima, enchendo os assistentes a sala da Associação dos Tamanqueiros e Surredores.

Mendes Gomes, que foi muito aplaudido, dissertou muito bem sobre as vantagens dos Sindicatos Únicos. Tudo leva a crer, pois, que o Sindicato Único da Indústria de Calçado, Couros e Peles, vai, dentro em pouco, ser um facto. — C.

União dos Sindicatos Operários

Comissão administrativa

Em sua reunião de ontem ocupou-se de diverso expediente e também das greves em trânsito e em especial da classe alfaiates e dos operários municipais, que continuam lutando pela sua melhoria de situação, atitude essa com que este organismo mais uma vez se congratulou e registou.

Trabalhadores manuais e intelectuais

Sobre este debatido assunto recebeu-se a carta que segue:

Lisboa, 26 de Outubro de 1920. — Sr. Redactor. — Dum jornal parisiense transcreveu a Epoca de 26, dois anúncios, um deles pedindo condutores para eléctricos e o outro pedindo advogados para um Banco.

Imitando o colega francês passa em seguida a Epoca a estudar o caso e querendo se boquiaberto ante a injustiça dos ordenados. O advogado que gastou muitos anos em intenso trabalho intelectual não chega a ganhar 10 000 mais do que ganha o condutor dos eléctricos que não precisa ter habilitações algumas científicas nem quaisquer preparações práticas.

Mas agora perguntamos nós, senhor redactor, de quem é a culpa? — do advogado ou do condutor?

Com certeza que daquele e não deste. Generalizemos o caso.

Se o trabalhador manual (que a nós ver também pensa, pois ninguém trabalha sem pensar) viu o ordenado crescer que luta acérrima teve de sustentar para conseguir isso?

Em quantas greves se lançou? E qualquer trabalhador para entrar numa greve precisa ter uma grande força moral, porque se a greve pode trazer a vitória, também pode acarretar a derrota, e com a derrota vê o trabalhador o lar invadido pela fome e pela miséria.

O trabalhador manual (continuemos a chamar-lhe assim) tem nestes últimos anos, mostrado que conhece o seu grande valor e que sabe o papel insubstituível que desempenha na vida duma nação. Por isso é heroicamente pôs-se no seu lugar e revoltou-se contra o capitalismo que o tentava sufocar. Honrou-se porque mostrou não ser cobarde.

O trabalhador intelectual, não só não iniciou o movimento libertador como também o não seguiu.

Deixa-se espessar pelo capitalismo. Faz bem...

Porque se não unem num amplexo fraternal todos os trabalhadores, tanto intelectuais como manuais?

A vitória seria mais rápida e mais decisiva.

Dê, por isso, graças a Deus o advogado por ganhar ainda 10 000 a mais do que ganha o condutor dos eléctricos. Perdo-me, senhor redactor, esta massada e creia na dedicação sem limites de quem muito respeitosamente se assina, com toda a consideração

J. J. A. P. (Estudante de engenharia. — Lisboa.)

AS GREVES

Mantém-se o movimento dos ferroviários do Estado

Considerações sobre as notas da D. G. dos T.

Camarada redactor: Li nos jornais do dia 30 de Outubro p. p. um comunicado da Direcção Geral dos Transportes, do qual o seguinte período me chamou a atenção:

«Não há já razão para se considerar como grevista o antigo pessoal ferroviário, porquanto não se tendo este inscrito no prazo que pelas Direcções lhe foi concedido, consideram-no estas despedidos».

Enfim, ex-empregados às ordens do director militar... Em contraste com este, o comunicado do dia 29 da mesma Direcção Geral dos Transportes considera os ferroviários como grevistas! E senão vejamos. Diz o comunicado:

«Na C. P. — Ontem, mãos criminosas de grevistas tentaram fazer descarrilar um comboio de mercadorias ao quilómetro 108, perto do Entroneamento, colocando no carril exterior duma curva uma cunha fixada por meio de garas a uma junta de dois carris».

Há maneiras de pensar — e essa do novo director... militar é tão antiquada que o coloca no tempo mais atrasado de César...

Fique sabendo sua Ex.ª, quer queira quer não: — tem que nos considerar como grevistas e além disso nenhuma autoridade tinha, nem tem para demitir empregados — mas só para castigar soldados... pois que nem tem pouco o sr. ministro do comércio por uma simples ordem o poderia fazer, porque acima da vontade de colocar os ferroviários na miséria, está a lei e a Constituição da República Portuguesa.

Com certeza que esses senhores desconhecem (e se assim não fosse não falavam à boca cheia em demitir empregados) que os ferroviários, principalmente os administrativos, tem um diploma de funções públicas e com o qual estão encartados!

Desconhecem esses senhores que esse pessoal é nomeado e promovido e cujas nomeações e promoções para serem efectivas vem no Diário do Governo, depois do parecer da comissão financeira do Estado, e portanto só por um Diário do Governo é que poderiam ser demitidos? Mas ainda se poderia apelar para a Procuradoria Geral da República, Parlamento e, no final, para a opinião pública. Por isso, para todos os efeitos somos grevistas, e grevistas com muita honra. Como soldados disciplinados, nunca abandonaremos a nossa coluna e esta marcha cerrada, e dela apenas desertaram meia dúzia de amarelos...

Oh! senhores... Onde está a tão falada normalização do serviço? Ainda ontem, 31, o vapor que deveria partir do Barreiro às 7,30 só o conseguiu às 9,30, e assim todos os dias acontece com diferentes vapores e comboios.

Onde está escondido o pessoal que se apresentou ao serviço? Venham nomes e serviços.

Finalizando. Não haja dúvidas... O sr. Granjo, declarou no Parlamento ser amigo dos ferroviários do Estado e que sempre os tratou com carinho! Verdade, verdade... Justiça seja feita a quem de direito. O sr. Granjo é nosso amigo e para prova, sabendo que devido à carência da vida estavam fraquíssimos, ordenou que aos ferroviários fosse atribuída uma licença de quarenta dias, pouco mais ou menos, para tratamentos, a fim de que, com as forças já um tanto recuperadas, possamos outra vez levar a cruz ao Calvário.

Lisboa, 1-11-1920. — Um ferroviário do Sul e Sueste.

Nota oficial. De Comité Central dos Ferroviários do Estado

Em nada alterou o moral dos grevistas do Sul e Sueste e Minho e Douro, o facto do pessoal da C. P. ter retomado o trabalho, pelo contrário, a greve naquelas linhas intensificou-se e o pessoal declara terminantemente que não retomará o trabalho sem que a questão seja resolvida duma forma honrosa.

Pode este Comité afirmar — que só a satisfação das reclamações dos ferroviários do Estado solucionará o conflito, que está sendo protelado pela intransigência do governo, sem respeito pelas comodidades e havers do público, e com manifesto desprezo pelos interesses gerais do país.

O governo, teimosamente, continua a manter esta situação por um mero capricho, pois que várias plataformas foram apresentadas pelos grevistas, que mantinham a dignidade do poder e colocavam a questão num pé de pronta solução.

O público assiste a este estado de coisas, sem um protesto, com uma indiferença tal, que se torna inconveniente nos erros praticados por aqueles que, desprezando os interesses do Estado, deixam protelar uma questão desta ordem, pela simples imposição de um Conselho de administração, que se serve da falta de conhecimentos técnicos de um ministro, para saciar a sua vingança.

Dizem os jornais de ontem que se haviam apresentado os bilheteiros da estação do Terreiro do Paço, o que de todo não é verdade, pois que só fizeram a sua apresentação os bilheteiros Gaspar e Ferreira da Silva.

Estes por se terem comprometido com alguém que os subornou, tentaram arrastar consigo os seus restantes colegas, o que não conseguiram, pois eles souberam repelir com altivez tam repugnante convite, para não irem trair a sua causa que é a da classe.

Estes por se terem comprometido com alguém que os subornou, tentaram arrastar consigo os seus restantes colegas, o que não conseguiram, pois eles souberam repelir com altivez tam repugnante convite, para não irem trair a sua causa que é a da classe.

Estes por se terem comprometido com alguém que os subornou, tentaram arrastar consigo os seus restantes colegas, o que não conseguiram, pois eles souberam repelir com altivez tam repugnante convite, para não irem trair a sua causa que é a da classe.

Estes por se terem comprometido com alguém que os subornou, tentaram arrastar consigo os seus restantes colegas, o que não conseguiram, pois eles souberam repelir com altivez tam repugnante convite, para não irem trair a sua causa que é a da classe.

Também é falso que no Minho e Douro se apresentasse pessoal algum, pois apenas ali continua em serviço o pessoal do primeiro dia.

Toda a linha se mantém firme e intransigente.

Em Monção

Ódio dum autoridade. MONÇÃO, 29. — C. — Nunca supomos que o administrador deste concelho fosse dotado dum fígado tam ferozes, como o acaba de revelar, na pessoa de dois grevistas ferroviários.

Encarando-os arbitrariamente durante 12 dias, não lhes forneceu mantimentos nem enxérgas onde dormissem, nem alimentação de qualidade alguma, e tornaram morrido de fome se não fosse o sentimento humano dos seus camaradas, o que bastante irritou o administrador, pois admirou-se que essa nobreza existisse noutros, enquanto não existe nele.

Tudo isto é tam revoltante que até mereceu acres reparos ao jornal burguês *O Povo da Monção*, que severamente censurou esses abusos da autoridade.

Esta autoridade mostrou também outra falta.

Quando alguns ferroviários se lhe dirigiram pedindo a liberdade dos seus camaradas, foram indecivelmente tratados.

E' bom, que se registem estes factos para que se conheça a moralidade e humanidade de certas criaturas.

Ferrosários da C. P.

Nota oficial. Em virtude da atitude tomada pela C. P., em face da apresentação do seu pessoal, desrespeitando assim as cláusulas da plataforma assinada pelo ministro do comércio e a comissão delegada do mesmo pessoal, mantêm-se no mesmo pé, com tendências a agravar-se, o conflito ferroviário.

As condições que a Companhia impôs, exaradas num papelucho a que deu o nome de «Contrato de prestação de trabalho», são simplesmente vexatórias e deprimentes, pois que veem ainda mais agravar a situação precária do pessoal. O ministro do comércio marcou a comissão uma nova conferência, hoje, às 11 horas.

Segundo comunicações da linha, recebidas por um delegado directo, o serviço está normalizado... e como prova dessa normalização, o comboio nº 7, que devia ter chegado do Porto no dia 1, às 20,50, só ali chegou entrada pelas 12 horas de ontem, 2, por motivo de a máquina deste comboio ter que prestar socorro ao rápido nº 61, também do dia 1, que só chegou do Porto às 7 horas de ontem, 2, quando devia ter chegado às 17 horas do dia 1, batendo assim o record da velocidade e de tal forma que interrompeu a plataforma da estação, entrando a locomotiva pela bitelheira, do que resultou ficar avariado quasi todo o material que compunha o comboio.

Este acidente, prova da boa normalização, ocasionou grande número de feridos, os quais foram socorridos pela Cruz Vermelha, que compareceu no local, após o sinistro.

Aos camaradas maquinistas da C. P. Anda o sr. Carlos Parreira chorando lágrimas de crocodilo por causa de alguns camaradas maquinistas para lhes insuflar no ânimo que o contrato-burla, imposto pela Companhia, tinha sido um mal entendido e que se não seja a quem atribuir-se a imposição de tal disparate, dizendo a alguns camaradas que estavam demitidos e que se apresentassem hoje no Depósito de Campolide, que lá estaria o director, pretendendo assim levá-los a cair no logro de trair o restante pessoal.

O aviso fica feito. Cautela, camaradas!

A seguir publicamos o célebre contrato com que a C. P. admitia o pessoal:

Entre a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede na estação do Rossio, em Lisboa, representada pelo seu director, e os grevistas, é celebrado o seguinte contrato de trabalho:

A Companhia admite desde hoje ao seu serviço o sr. ... para desempenhar o lugar de ... e obriga-o a este emprego a desempenhar as suas funções com zelo e assiduidade, cumrindo as instruções que lhe forem dadas e os regulamentos e ordens do serviço da Companhia. Recobrará o seu salário e terá as garantias que a Companhia concede aos empregados da sua categoria.

Este contrato de trabalho é por tempo indeterminado. O empregado só poderá ser despedido nos termos dos respectivos regulamentos e só poderá abandonar o serviço da Companhia avisado-a com 30 dias de antecedência, salvo motivo urgente e justificado.

O empregado terá em depósito nos cofres da Companhia uma quantia igual a 3 meses do seu vencimento de categoria, vencendo a seu favor o juro de 6%, e que será constituído pelo desconto mensal de 15% durante os primeiros 20 meses de serviço ou durante os mesmos meses após o aumento, por qualquer motivo, do referido vencimento. Esse depósito constitui caução, que responderá por quaisquer penas pecuniárias em que o empregado incorra no serviço da Companhia, ou pelos prejuízos que lhe causar, será reintegrado com os mesmos descontos logo que se retirar do serviço. Se o empregado for demitido do serviço da Companhia por abandono de lugar, perderá o direito ao depósito, o qual reverterá a favor da Caixa de Reformas e Pensões da Companhia.

As condições deste contrato substituirão durante o tempo em que o empregado pertença aos quadros da Companhia, embora seja promovido ou por outro modo mudado de situação.

Operários alfaiates. Com as salas repletas, reuniu ontem esta classe, a fim de apreciar a marcha do movimento. Lida e aprovada a acta, falaram vários oradores que se ocuparam do facto da comissão dos industriais

GRANDE OFICINA
DE
GESTEIRO

A transporter	15 803\$05
---------------	------------

... sexta-feira realizar-se há uma sessão para o que estão convidados os oros sindicais e institutos.

entusiasmo por esta récita, estando os
seis confiados a distintos amadores; só-
da Universidade Livre de Lisboa.

comparência da comissão de propaganda.
e nenhum camarada falte. Pede-se a
comparência do camarada Vicente Lopes.

Rua do Ouro, 36

Telephone 2.676 C.

1874